

RELATÓRIO PIB AGRO MINAS GERAIS



4º Trimestre
(Dezembro de 2017)

Agribusiness GDP – Outlook

* ANÁLISE ELABORADA COM DADOS DISPONÍVEIS ATÉ MARÇO/18.



RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais

AGRIBUSINESS GDP – OUTLOOK

O Relatório PIB Agro – Minas Gerais é uma publicação trimestral realizada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da ESALQ/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (Senar-AR/MG) e também com os apoios operacional e técnico da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos e subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos de *renda real*, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio tanto o crescimento do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: (a) insumos para a agropecuária, (b) produção agropecuária primária ou “dentro da porteira”, (c) agroindústria (processamento) e (d) serviços. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.

É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se o uso do relatório mais recente.

Os cálculos sobre a variação do *volume* partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. A variação obtida entre os dois anos é, então, usada para o cálculo da taxa mensal de variação do volume, bem como da taxa acumulada a partir de janeiro do ano em curso. No final do ano, a taxa acumulada por esse procedimento coincidirá com a taxa de variação do volume (confirmado e não mais projetado) entre o ano corrente e o anterior. Quanto aos preços, a comparação é feita entre a média real do período (número de meses) transcorrido no ano corrente e a média real do mesmo período do ano anterior. Essa variação anual é, então, usada para o cálculo da taxa mensal e da taxa acumulada desde janeiro do ano em curso.

O acompanhamento detalhado do agronegócio mineiro abrange os principais produtos na composição no PIB do setor para o estado. Os produtos e cadeias produtivas menos relevantes em termos de participação sobre o total não são acompanhados mensalmente pelas expectativas de produção e variação de preço, mas constam no cômputo total de modo agregado.

Equipe Responsável

Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D

Pesquisador Chefe/ Coordenador Científico do Cepea/Professor titular ESALQ/USP

Adriana Ferreira Silva, Dra., Arlei Luiz Fachinello, Dr., Leandro Gilio, Me., Nicole Rennó Castro, Me., Gustavo Ferrarezi

Giachini, Me., Pesquisadores do CEPEA

Ana Carolina de Paula Morais, colaboradora do CEPEA.



APRESENTAÇÃO GERAL

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (Senar-AR/MG) e também com os apoios operacional e técnico da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa), fechou 2017 com baixa de 5,96% com relação ao ano anterior, com queda de 0,40% em dezembro (Figura 1, Figura 2 e Tabela 1).

No mês, foram avaliadas baixas para todos os segmentos: -0,57% para o primário, -0,36% para os serviços do agronegócio, -0,29% para insumos e -0,25% para a indústria. – Figura 1 e Tabela 1. No acumulado do ano (janeiro a dezembro), apenas o segmento de insumos cresceu (0,42%), e foram registradas quedas nos demais: -6,58% primário, -6,54% indústria e -5,91% serviços – Figura 2 e Tabela 2.

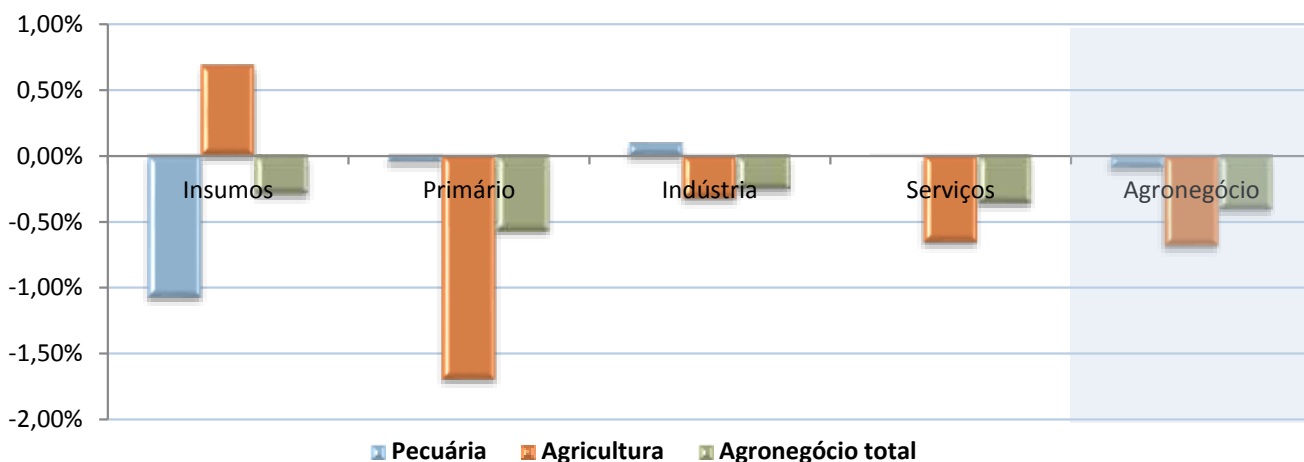


Figura 1 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio mineiro em dezembro de 2017 (%)

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa.

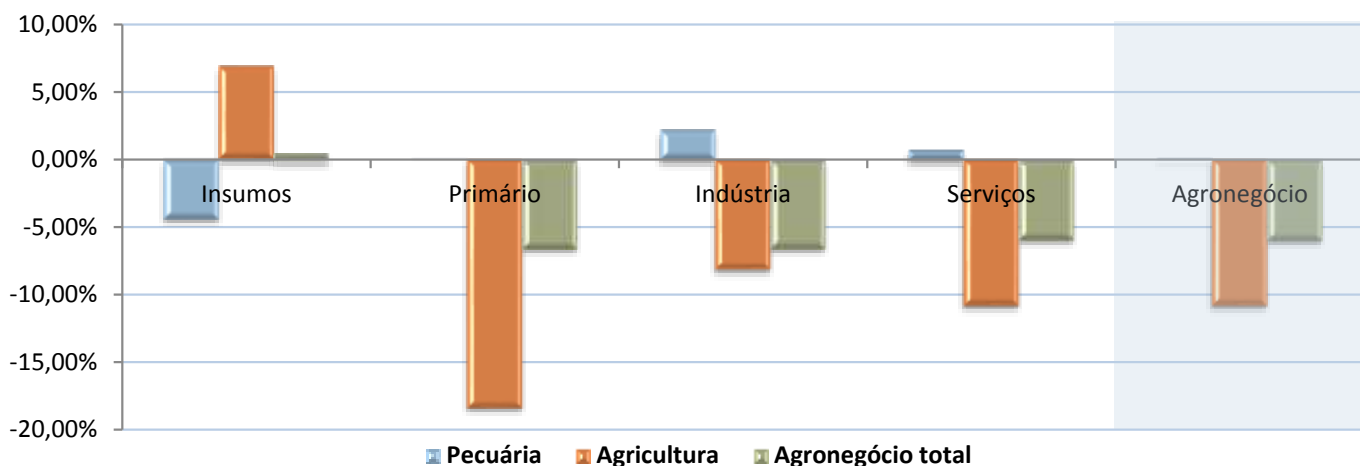


Figura 2 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio mineiro acumuladas em 2017 (%)

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ESTIMATIVAS DE VALOR DO PIB DO AGRONEGÓCIO DE MG

Com queda de 0,40% em dezembro/17, o PIB do agronegócio mineiro acumulou baixa de 5,96% em 2017, atingindo o valor de R\$ 192,394 bilhões (a preços de dezembro/17). Deste agregado, estima-se que R\$ 100,935 bilhões (52,46%) sejam resultantes do ramo da agricultura e R\$ 91,459 bilhões (47,54%), do pecuário (Tabela 3).

EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS QUE FORMAM O PIB

O ramo agrícola, formado pelo conjunto das cadeias produtivas da agricultura¹, apresentou queda de 0,68% em dezembro/17. Esse resultado é reflexo das quedas observadas nos segmentos primário (-1,70%), de serviços (0,66%) e industrial (-0,32%). Apenas no segmento de insumos agrícolas houve elevação no mês (0,69%). No ramo pecuário, se observou pequena queda mensal, de 0,09% em dezembro, refletindo baixas verificadas nos segmentos de insumos (-1,08%) e primário (-0,05%) e, também, a alta verificada no segmento industrial (0,10%), com estabilidade no segmento de serviços.

Considerando o resultado acumulado de janeiro a dezembro de 2017, o ramo agrícola fechou o ano com queda de 10,83%. Neste ramo, houve retração para quase todos os segmentos, com a exceção de insumos – o qual acumulou crescimento de 6,90%. Para os demais, os recuos no período foram de 18,41%, 10,84% e 8,16%, para primário, serviços e indústria, respectivamente. O ramo pecuário apresentou pequena alta no resultado acumulado, de 0,07%. Entre os segmentos desse ramo, houve crescimento de 2,18% para indústria e de 0,71% para os serviços, e baixa nos demais: -4,38% em insumos e -0,04% em primário.

INSUMOS

O segmento de insumos apresentou queda de 0,29% em dezembro (Figura 1), mas fechou o ano com alta de 0,42% no ano (Figura 2). O resultado positivo verificado no ano reflete, principalmente, a elevação do faturamento estimada para as indústrias de fertilizantes (8,14%), face à retração observada nas outras atividades acompanhadas: alimentação animal (-8,98%) e combustíveis e lubrificantes (-0,27%) (Figura 3 e Tabela 8).

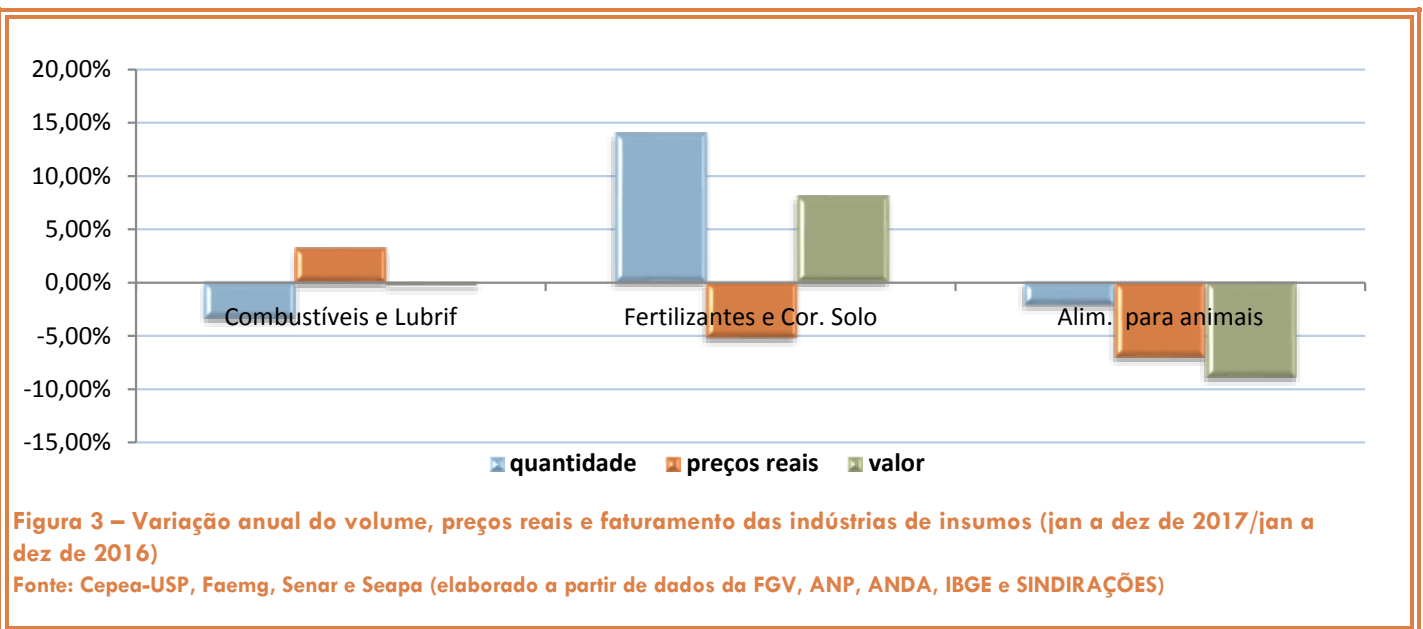
Para fertilizantes, em 2017 houve importante crescimento em volume, de 14,06% no estado, o que indica a elevação de investimentos por parte dos produtores. Por outro lado, nessa atividade houve queda real de 5,19% nos preços, na comparação com 2016. De acordo com pesquisadores da equipe Custos Agrícolas/Cepea, a pressão nos preços reais dos principais fertilizantes em 2017 esteve atrelada, principalmente, à valorização do real frente ao dólar com relação a 2016 e à grande oferta de fosfatados e potássicos no mercado internacional.

A indústria de rações apresentou baixa decorrente tanto da queda em quantidade (-2,10%), quanto em preços reais (-7,03%) em 2017. De acordo com o Sindirações, tal retração nos preços tem origem na grande oferta de grãos no mercado, com a ocorrência de queda significativa dos preços e grande disponibilidade do milho e da soja com relação ao ano anterior.

No grupo dos combustíveis, a estimativa de variação negativa do faturamento adveio da queda em quantidade (-3,40%), já que se registra leve alta nas cotações reais (3,24%) quando comparadas às do ano anterior. A elevação nos preços reais desta atividade reflete os reajustes nominais nos preços do óleo diesel, realizados pela Petrobrás ao longo do ano.

Na Figura 3, estão as taxas de crescimento anual estimadas com dados até dezembro/17 para os setores de insumos não agropecuários, tomando-se como base os preços médios reais e as estimativas anuais de produção na comparação com 2016. Na Tabela 8, estão os números dos setores que compõem o segmento.

¹ O conceito de cadeia produtiva tratado neste relatório refere-se à sequência de atividades, desde a produção de insumos para a agropecuária, passando pela produção primária e todas as demais atividades de processamento até a distribuição do produto final.



ATIVIDADES “DENTRO DA PORTEIRA”

O conjunto das *atividades primárias agrícolas* apresentou queda de 1,70% na avaliação de dezembro/17. No acumulado do ano, registrou-se redução de -18,41%. Para preços, a média ponderada dos produtos acompanhados teve queda real de 15,52% em 2017, na comparação com o ano de 2016. Quanto à produção, estimou-se baixa anual média de 1,75%. Na Figura 4, verifica-se o desempenho desagregado entre as culturas, calculado com base nas estimativas de safra para 2017 e na relação de preços de janeiro a dezembro de 2017 comparados aos do mesmo período de 2016, já descontada a inflação do período. Dentre os produtos acompanhados em Minas Gerais, observou-se aumentos nos faturamentos para: mandioca (46,65%), sorgo (39,36%), cana-de-açúcar (3,62%), amendoim (2,34%) e carvão vegetal (0,16%). Já as demais culturas analisadas apresentaram recuo no faturamento: batata-inglesa (-64,38%), feijão (-46,17%), café (-23,48%), banana (-20,51%), cebola (-17,37%), tomate (-18,93%), alho (-16,86%), milho (-16,34%), trigo (-15,14%), arroz (-12,29%), algodão (-9,30%) e soja (-5,98%).

Para o café, produto com a maior representatividade na agricultura mineira, a queda no faturamento anual é reflexo da diminuição da produção, de -17,91% na avaliação anual, e da queda das cotações reais, -6,79% na comparação real de 2017 frente a 2016. Segundo a Conab, a queda significativa de produção deste ano foi pautada, principalmente, na bialidade negativa nas maiores regiões produtoras da variedade arábica, com exceção da Zona da Mata, que apresenta bialidade invertida com relação ao restante do estado. Já com relação a preços, a equipe Café/Cepea destaca que, mesmo com menor produção na temporada, os valores do arábica foram pressionados pela queda no mercado externo, principalmente nos primeiros meses do ano. No segundo semestre, os estoques razoáveis nos países consumidores e a boa expectativa quanto à próxima temporada brasileira (2018/19) influenciaram as baixas nas cotações internas e externas do arábica. Quanto ao robusta, a demanda por parte de torrefadoras para composição de *blends* esteve aquecida, mas os preços também caíram, em decorrência da maior produção da variedade no País.

Já para a cana-de-açúcar, a elevação no faturamento está atrelada tanto ao crescimento anual da produção (1,51%), quanto ao aumento dos preços no período (2,07%). De acordo com a Conab, os índices pluviométricos ficaram abaixo da média em Minas Gerais, contudo, as chuvas que ocorreram até o início de maio favoreceram o desenvolvimento das lavouras na maior parte do estado. No final do mesmo mês, iniciou-se o longo período de seca que permaneceu até meados de outubro. Este clima adverso afetou as soqueiras e as canas-plantas, mas de certa forma, favoreceu a colheita das lavouras, assim como a qualidade final do produto. As melhorias nos tratamentos culturais ocorridas foram suficientes para garantir uma boa produtividade.

Quanto ao milho, o menor faturamento é justificado pela queda significativa nas cotações reais do produto (-35,02%), já que se verificou um crescimento na produção anual de 28,76% no ano. Segundo a Conab, no estado houve acréscimo tanto em área de produção quanto em produtividade média do milho primeira safra com relação à safra passada. Já na segunda safra, houve uma pequena queda na produtividade por fatores como o acamamento e a presença de algumas pragas nas lavouras, mas que não foram suficientes para causar redução na quantidade produzida.

total. Com relação a preços, a equipe Grãos/Cepea destaca que a produção de milho foi elevada no estado, mas também recorde no Brasil como um todo e no mundo, cenário que pressionou as cotações. Os preços do milho iniciaram 2017 em patamares elevados (ainda reflexo da redução da oferta em 2016), mas, a entrada do cereal já da primeira safra no mercado pressionou com força tais valores, que permaneceram em baixo patamar.

Para a cultura da soja, os dados anuais apontaram crescimento de 6,32% na quantidade produzida, enquanto as cotações reais apresentaram queda de 11,57%. De acordo com a Conab, mesmo com uma menor área de produção, a atividade no estado apresentou produtividade superior com relação à safra passada, o que justifica o aumento em volume. Já com relação aos preços, a equipe Soja/Cepea avalia que fatores como estoques abundantes da oleaginosa no Brasil, a necessidade do uso de armazéns para o milho e o bom desenvolvimento na cultura em outros países, como Estados Unidos e Argentina, pressionaram significativamente as cotações ao longo do ano. Também cabe destacar que tal cenário foi acompanhado da desvalorização do dólar frente ao Real ao longo de 2017, que influenciou na queda dos preços da oleaginosa em todo o Brasil.

Já para a cultura da mandioca, a expectativa de elevação do faturamento ocorre principalmente por preços elevados em 2017 (+47,24%), dada a pequena queda na produção do ano (-0,40%). Segundo a equipe Mandioca/Cepea, 2017 foi marcado pela baixa disponibilidade de mandioca no mercado nacional, devido às condições climáticas bastante desfavoráveis para a cultura e à redução da produtividade média. Com a baixa oferta da raiz no mercado, houve disputa pelo produto disponível nas fecculárias, e, com isso, as cotações se elevaram ao longo do ano. A equipe destaca também que, na segunda metade de 2017, os produtores começaram a colher raízes mais novas, em muitos casos abaixo de 12 meses, em função das boas cotações. Porém, ainda assim, a oferta seguiu limitada.

No caso da batata-inglesa, a queda no faturamento advém da forte baixa nas cotações reais do produto (64,46%), enquanto que produção apresentou apenas leve alta no ano (0,24%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, tal queda nas cotações do estado foi efeito do excesso de oferta do produto no mercado brasileiro. Para a laranja, a queda no faturamento está atrelada à queda na produção do estado (-6,41%), já que a média de preços reais em 2017 apresentou crescimento (2,36%).

No caso da cebola, o recuo no faturamento advém da diminuição das cotações reais, de 26,88%, já que houve aumento na produção (13,00%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, foram registradas reduções de área de produção no estado em 2017, como na região do Triângulo Mineiro. Mas, esta queda foi compensada pela elevada produtividade, em virtude do padrão tecnológico dos produtores na região. No caso do alho, o faturamento negativo também é reflexo da queda nas cotações reais (-23,06%), dado que se registra alta na produção do estado (8,05%).

Para o algodão, a diminuição em volume (9,81%) resultou em faturamento em baixa para a cultura, uma vez que as cotações reais apresentaram leve crescimento, de 0,57% no ano. De acordo com a Conab, em Minas Gerais, a área de plantio apresentou uma queda significativa com relação à safra anterior, mas a baixa na produção do estado ainda foi amenizada pelo incremento em produtividade, favorecida pelas chuvas registradas no transcorrer do desenvolvimento da lavoura. Já para preços, a equipe algodão/Cepea destaca que as exportações da pluma firmes em 2017 ajustaram, em parte, a oferta e a demanda no mercado doméstico, especialmente no segundo semestre, amortecendo a retração nos preços médios ocasionada pela elevação da oferta no contexto nacional.

Na cultura do Sorgo, o aumento do faturamento é reflexo do forte incremento de produção, estimado em 88,63% para 2017, enquanto os preços reais recuaram 26,12% na comparação entre 2017 e 2016. De acordo com a Conab, neste ano se verificou elevação de área plantada, motivada pelo fechamento da janela para o plantio do milho safrinha e o menor custo de produção. Porém, o grande impulso na produção do estado está atrelado à elevação de produtividade, ocorrida devido a boa adaptabilidade da cultura ao clima quente das principais regiões produtoras, segundo informa a Companhia.

Em relação ao trigo, a queda no faturamento está atrelada ao recuo nos preços reais (-17,95%), já que a produção no ano cresceu 3,42%. Para a equipe Grãos/Cepea, os elevados estoques de passagem, provenientes da boa safra em 2016, e as elevadas importações diante da grande oferta externa e dos preços externos atrativos, pressionaram as cotações internas no mercado nacional de trigo, principalmente nos primeiros meses de 2017.

Para o amendoim, o aumento do faturamento ocorreu via maior produção (23,68%, na estimativa anual), frente à queda de 17,26% nas cotações reais. Segundo a Conab, o estado apresentou aumento de 30% na área plantada com em relação à safra anterior. A maior parte se concentrou na região do Triângulo Mineiro, mais precisamente no município de Tupaciguara. Também houve um incremento de produtividade na referida região, devido às condições climáticas favoráveis.

Com relação ao tomate, verifica-se queda de 3,71% na produção do ano, bem como nas cotações em reais, com baixa de 15,80%. Já para a cultura da banana, houve crescimento de 9,56% na produção, mas baixa real de 27,44% nas cotações. De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, a produção da variedade prata anã no Norte de Minas

registrou aumento significativo a partir de julho, fazendo com que os produtores baixassem os valores na tentativa de garantir melhor ritmo de vendas. Cabe destacar que, em 2016, a prata anã se valorizou expressivamente em todas as regiões produtoras, devido à crise hídrica que afetou a oferta, e, portanto, uma redução significativa no patamar de preços já era esperada pelo mercado em 2017.

Para o feijão, houve redução de 49,24% nos preços e elevação da produção em 6,06% no ano. Segundo a Conab, as condições climáticas foram favoráveis ao aumento no rendimento da cultura no estado. Quanto ao arroz, a redução do faturamento é resultado da queda nos preços reais, de 12,39%, frente à leve alta de 0,12% na produção anual. Para o carvão vegetal, a queda na produção de 3,70% foi compensada em termos de renda com a alta de 4,01% nos preços avaliados em 2017 com relação ao ano anterior.

O segmento primário da pecuária apresentou leve queda de 0,05% em dezembro/17, acumulando baixa de 0,04% no ano. O preço médio ponderado das atividades que compõem o segmento apresentou queda de 6,57% na comparação de 2017 com 2016. Já para a produção, foi estimada elevação média de 6,98% para o ano. Entre as atividades acompanhadas, verifica-se altas para ovos (9,71%), suínos (6,41%) bois (5,87%) e vacas (4,12%), com baixa nas demais: frango (-13,53%) e leite (-5,28%).

Na atividade leiteira, os preços registraram baixa de 7,08% no estado, enquanto a produção anual elevou-se em 1,94%. De acordo com a equipe Leite/Cepea, 2017 se iniciou com os preços do leite pagos ao produtor em bom patamar, resultado de um período de baixa oferta e de alto custo de produção verificado em 2016. Estes valores elevados do leite no campo, no início do ano, juntamente com os menores preços do milho e do farelo de soja, motivaram produtores a investirem na atividade e a aumentarem a produção. Tal fato resultou em aumento da oferta de matéria-prima no campo, porém, em descompasso com a demanda, que já vinha enfraquecida desde 2016 por conta da recessão econômica, ocasionando recuo significativo nas cotações.

Para bovinocultura de corte, houve queda de 6,88% nos preços reais para bois e 6,32% para vacas no ano. Quanto à produção, houve alta de 13,69% para bois e 11,14% vacas. Para a equipe Boi/Cepea, o setor pecuário já esperava um ano de dificuldades em 2017, sobretudo relacionadas às vendas internas (devido à crise econômica). Mas, acontecimentos referentes à cadeia agroindustrial da carne bovina brasileira (relacionados à operação “Carne Fraca” da Polícia Federal, que colocou em xeque o sistema de inspeção sanitário do País), se somaram às dificuldades que já vinham sendo enfrentadas pelo setor, impactando diretamente sobre a demanda e os valores da arroba. Com isso, as cotações seguiram em queda em boa parte do ano no País e no estado, mostrando alguma recuperação apenas no último quadrimestre do ano.

Com relação à suinocultura, registrou-se alta de 3,91% nos preços e de 2,41% para quantidade produzida. De acordo com a equipe de Suínos/Cepea, o setor foi beneficiado com baixos patamares dos custos de produção em 2017, principalmente em função dos preços do milho e do farelo de soja. A equipe também destaca que, no lado da demanda, o mercado começou a se aquecer para a atividade na segunda metade de 2017, e essa esteve bem ajustada à oferta de animais, carcaças e cortes nas principais regiões produtoras. E este cenário acabou oferecendo sustentação aos preços ao longo do ano.

Na avicultura de corte, os preços apresentaram recuo de 14,40% e a quantidade elevou-se em 1,01% na comparação de períodos. Segundo a equipe Frango/Cepea, ao longo do ano os preços (em âmbito nacional) acumularam quedas mensais quase que consecutivas. Esse cenário baixista foi atrelado à maior disponibilidade interna da carne, uma vez que a produção cresceu no ano, enquanto a demanda interna permaneceu enfraquecida e o volume exportado foi menor.

Nas Figuras 3 e 4, são apresentadas variações de volume, preços reais e faturamento real acumulados das atividades primárias da agricultura e da pecuária mineiras, tomando-se como base os preços médios e dados de produção anuais de 2017 comparados a 2016.

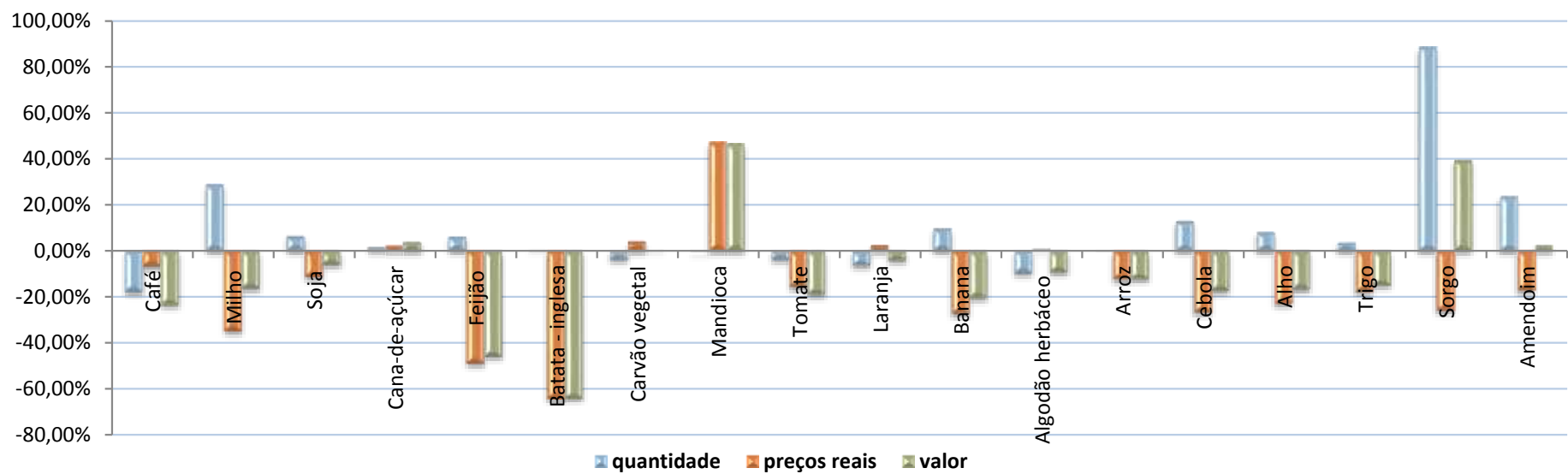


Figura 3. Variação anual do volume, dos preços e faturamento das lavouras (jan a dez de 2017/jan a dez de 2016)

Fonte: Cepea/Esalq-USP, Seapa, Faemg, Senar (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE)

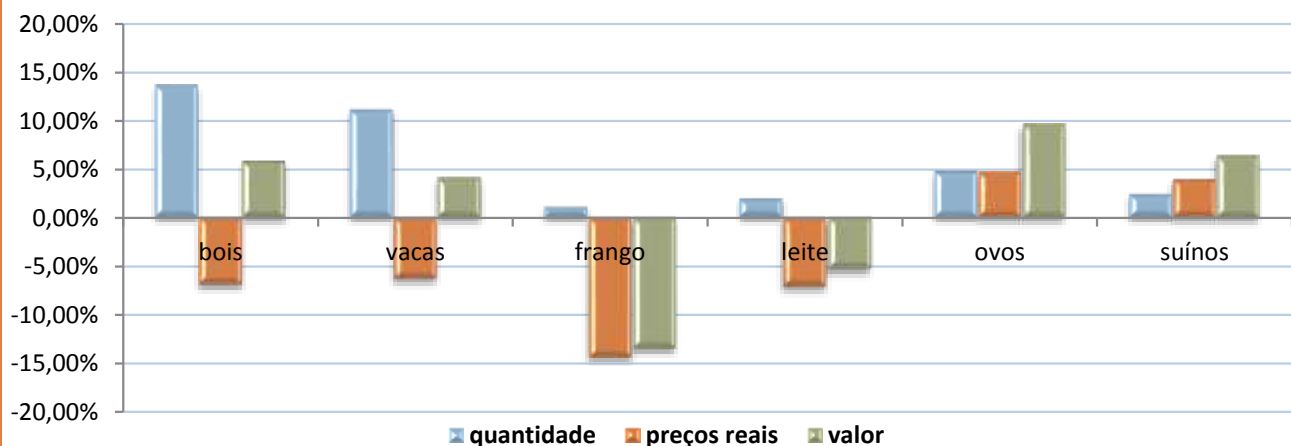


Figura 4. Variação anual do volume, dos preços e do faturamento da pecuária (jan a dez de 2017/Jan a dez de 2016)
 Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

ATIVIDADES DA AGROINDÚSTRIA

O segmento industrial do agronegócio mineiro teve queda de 0,25% em dezembro de 2017, sendo que o ramo agrícola teve baixa de 0,32%, e o pecuário alta de 0,10%. No acumulado ao longo de 2017, verifica-se queda de 6,54% para o segmento total, atrelada à baixa de 8,16% no ramo agrícola, frente à alta de 2,18% no ramo pecuário.

As indústrias relacionadas à agricultura que apresentaram expansão, considerando-se dados relativos a dezembro/17, foram: café (16,94%), têxtil (16,93%), bebidas (7,48%) e celulose (1,47%). As demais indústrias apresentaram retração: óleo de soja refinado (-46,68%), açúcar (14,80%), etanol anidro (-14,34%), etanol hidratado (-4,29%) e fumo (-1,38%).

Para a indústria do café, a variação positiva nos preços reais foi de 13,64% este ano, com relação a 2016. Já para a produção, avaliou-se elevação de 2,90%. Segundo informações da Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), o consumo de café seguiu crescente no país, apesar da crise econômica.

Na indústria têxtil, o crescimento da produção, de 13,80%, foi o principal responsável pela elevação no faturamento da atividade. Com relação a preços, o crescimento foi de 2,75%. De acordo com informações da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), as indústrias do setor têxtil têm sentido maior confiança e observado sinais de recuperação no mercado, com crescimento a partir do segundo semestre, como efeito da leve recuperação do consumo no mercado interno e da taxa de câmbio ainda favorável à atividade.

Para a agroindústria de papel e celulose, houve elevação de 1,37% nos preços reais e leve crescimento de 0,10% na produção no estado em 2017. A retomada do crescimento brasileiro e o avanço da economia global têm ajudado a indústria papeleira, que vinha acumulando quedas nos anos anteriores.

Na agroindústria sucroenergética, houve redução no faturamento para todas as atividades. No caso do açúcar, registrou-se alta na produção anual (6,66%), mas recuo nos preços na comparação real entre os anos (-20,12%). Para esse produto, ainda que os preços tenham se mantido em patamar superior ao de 2016 ao longo dos primeiros meses do ano, este valor foi registrando sucessivos recuos mensais, até que a variação acumulada foi revertida, sob influência das expectativas de superávit internacional na produção do adoçante. No caso dos etanóis, verifica-se para a produção redução de 5,21% para o anidro e alta de 6,81% para hidratado. Mas houve baixa para ambos em preços reais na comparação de 2017 e 2016 (-10,40% para o hidratado e -9,63% para o anidro). Segundo a Equipe Etanol/Cepea, neste ano os representantes de distribuidoras aproveitaram a janela de venda para o biocombustível, visto que o preço relativo etanol/gasolina, considerando-se a diferença de rendimento entre os dois combustíveis, favorecia o consumo do renovável. Isso ocorreu na maior parte dos estados produtores deste

combustível. Porém, mesmo com a forte demanda pelos biocombustíveis, que, inclusive, resultou em alta nos preços nos últimos meses de 2017, as médias dos valores dos etanóis anidro e hidratado avaliadas para o ano todo ficaram significativamente abaixo das verificadas no mesmo período da temporada anterior.

Os resultados referentes ao segmento industrial da agricultura estão resumidos na Figura 5 e na Tabela 11.

No mercado de carnes, houve crescimento no faturamento para as carnes bovinas e carnes suínas. Para carne de bois e vacas, o destaque foi na elevação de quantidade produzida, de 13,69% e 11,14%, respectivamente, face às quedas de -2,04% e 4,03% nos preços, na mesma ordem. Segundo a equipe Boi/Cepea, em 2017 o setor sofreu as consequências da operação “Carne Fraca”, o que impactou diretamente sobre os valores da carne bovina. Com isso, os preços caíram em boa parte do ano, mostrando recuperação apenas no último quadrimestre.

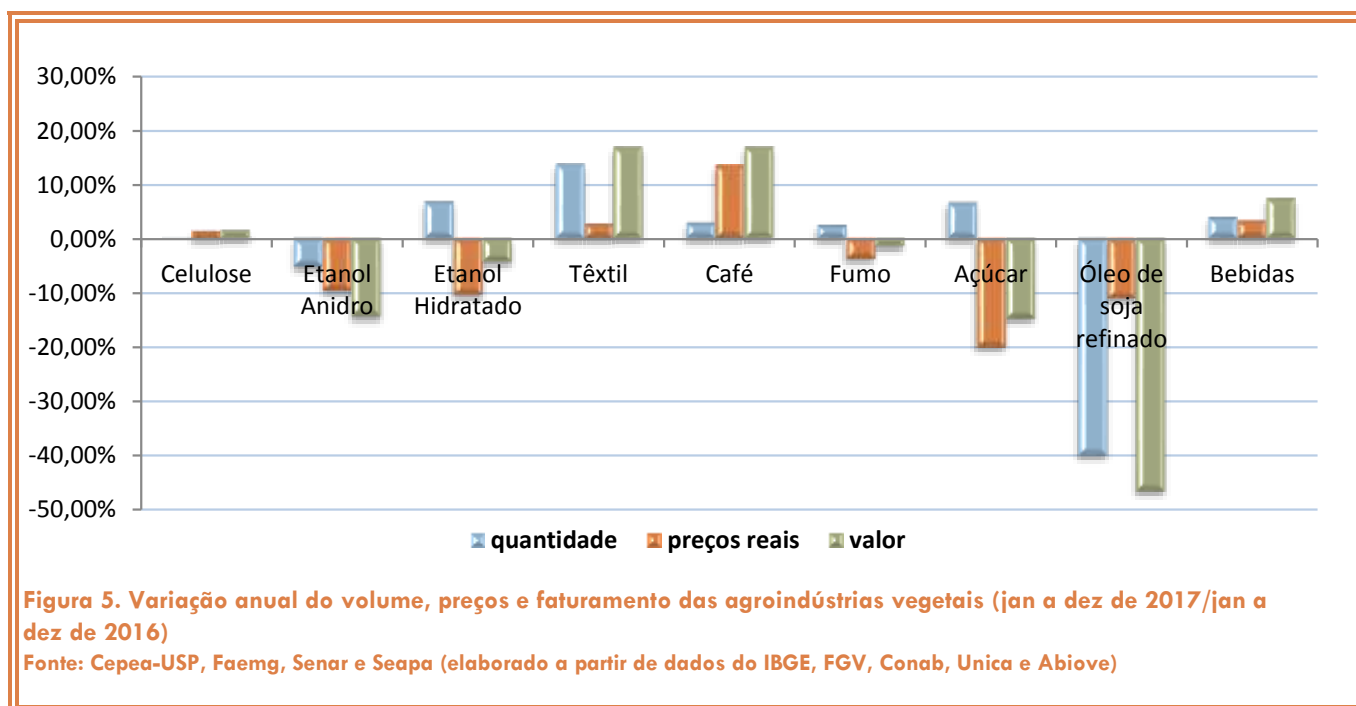
Na atividade suinícola, registra-se elevação tanto em preços (7,06%) quanto em quantidade (2,41%). Segundo a equipe Suínos/Cepea, ainda que a relação de preços frente ao ano anterior seja de alta, esses recuaram consistentemente ao longo de 2017. Segundo a equipe, os recuos nas exportações da carne, agravados pela operação carne fraca, foram importantes na determinação dessa queda de preços.

As cotações de frango caíram 4,22% em 2017, frente a 2016. Já para a produção, houve certo aumento, de 1,01%. Segundo a equipe Frango/Cepea, as demandas interna e externa enfraquecidas representaram o grande desafio a esse setor em 2017. O crescimento das exportações, apenas nos últimos meses do ano, ajudou a dar alguma sustentação às cotações.

Com relação à indústria dos laticínios, queijos, leite pasteurizado e leite em pó apresentaram crescimento em produção, de 54,60%, 6,64% e 3,17%, respectivamente, tendo apenas o UHT apresentado queda (0,35%). Já para os preços, apenas leite em pó apresentou certa alta (0,44%), com baixa nos demais. Segundo pesquisadores da equipe Leite/Cepea, a fraca demanda interna ao longo de 2017 e consequente formação de estoques pressionaram as cotações dos derivados lácteos de modo geral.

Em Minas Gerais, destaca-se ainda a atividade de produção de queijo artesanal, produzido nas regiões do Cerrado, Araxá, Canastra e Serro, conforme determina a Lei Estadual 14.185/02. Tal atividade tem importância histórica e econômica no estado, mas ainda segue carente de maior organização de produtores, normatização de processos e produtos e políticas públicas voltadas à regulamentação do setor e dos produtos, para que estes possam ganhar novos mercados. No dia 21/3/2018, o plenário da câmara aprovou o Projeto de Lei 3859/15, que poderá melhorar e facilitar a comercialização destes produtos. Porém, a proposta ainda será avaliada pelo Senado, sem definição de quando será aprovada. Por enquanto, a indisponibilidade de dados oficiais e frequentes de produção e preço ainda inviabiliza o acompanhamento mais detalhado desse produto neste presente relatório.

Os resultados referentes ao segmento industrial da pecuária estão resumidos na Figura 6 e na Tabela 12.



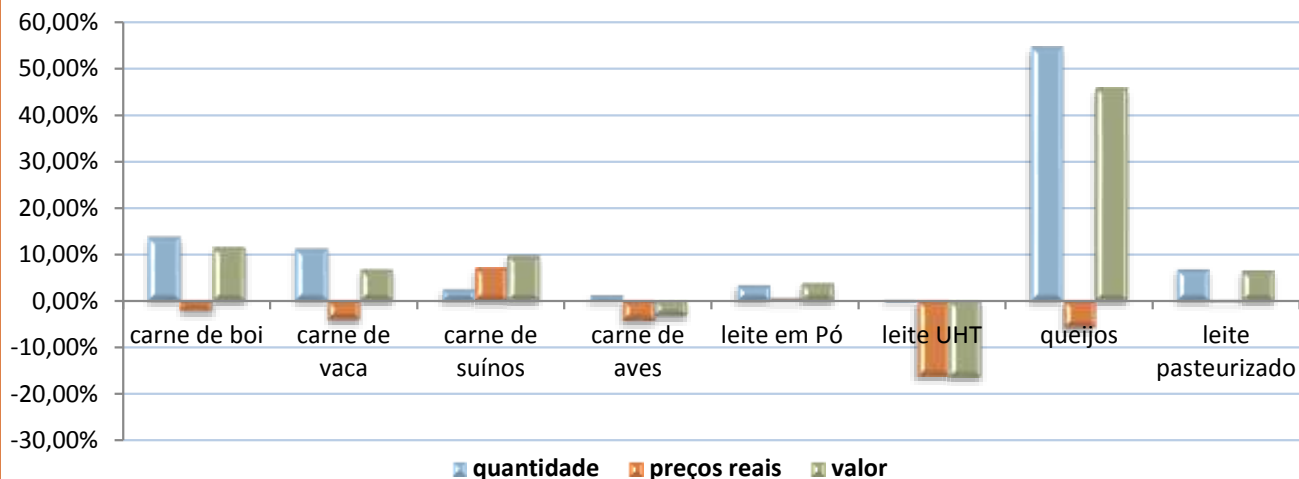


Figura 6. Variação anual do volume, preços e faturamento das agroindústrias animais (jan a dez de 2017/jan a dez de 2016)

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, FGV e IBGE)

SERVIÇOS

O segmento de serviços do agronegócio apresentou queda de 0,36% em dezembro/17, acumulando baixa de 5,91% no ano. Nas atividades do ramo pecuário, houve estabilidade no mês e alta de 0,71% no acumulado, já no ramo agrícola, houve recuo de 0,66% em dezembro e de 10,84% no ano. Os dados do segmento de serviços refletem os resultados verificadas nos demais segmentos do agronegócio no estado.

PARTICIPAÇÕES

Considerando-se as informações até dezembro/17, as participações dos segmentos na geração do PIB do agronegócio de Minas Gerais ficaram da seguinte forma: primário (37,19%), serviços (30,98%), industrial (25,74%) e insumos (6,09%).

No agronegócio da agricultura, o segmento de insumos seguiu com a menor participação, de 5,25%. Para os demais segmentos, tem-se: serviços com 32,04% e primário com 22,03%, mantendo-se nas posições intermediárias, enquanto a indústria segue com a maior representatividade, de 40,67%.

Em relação à pecuária, a indústria representa 9,27%, parcela mais próxima à dos insumos (7,01%), que tem a menor participação. O segmento primário segue com a maior parcela, de 53,91%, enquanto serviços fica em segundo lugar, com 29,82% (Figura 7).

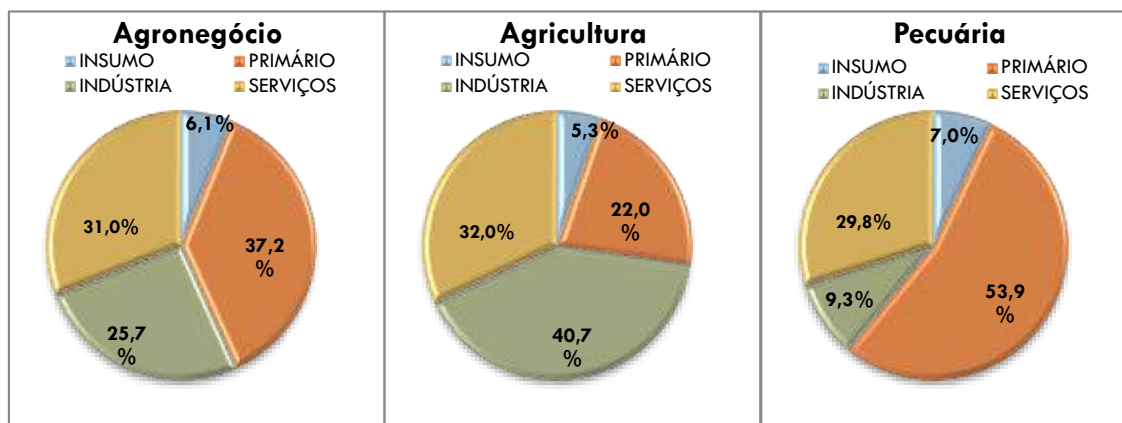


Figura 7. Participações percentuais dos segmentos na geração do PIB do agronegócio de Minas Gerais em setembro de 2017

Fonte: Cepea-USP, Faemg, Senar e Seapa.

O PIB do agronegócio de Minas Gerais, com base em cálculos de dezembro/17, passa a ter participação de 13,50% no PIB brasileiro do agronegócio (Tabela 4). Dentre os segmentos, apenas o de insumos não apresentou queda na participação na comparação com os segmentos no contexto nacional. Primário, indústria e, conseqüentemente, serviços, reduziram suas participações, avaliadas neste mês em 13,81%, 12,87% e 13,69%, respectivamente.

É importante ressaltar que tais participações são sempre reajustadas, uma vez que os números contidos neste relatório se referem às informações disponíveis até o fechamento dos cálculos do mês de elaboração – neste caso, março/18, com dados alusivos a dezembro de 2017. As estimativas de safra e de abate (correntes e passadas) passam por revisões ao longo dos meses, tanto para Minas Gerais quanto para o agregado nacional do agronegócio, influenciando diretamente na revisão mensal destes valores.

ANÁLISES CONJUNTURAS²

Na parcial desta safra 2017/18 (de abril a dezembro/17), os preços do **açúcar cristal** negociados no mercado spot paulista estiveram abaixo dos praticados em 2016, ano em que o Indicador CEPEA/ESALQ do açúcar cristal, cor lumsa entre 130 e 180 (estado de São Paulo), chegou a patamares elevados. tomando-se como base os valores mensais de abril/17 a dezembro/17, a média do Indicador CEPEA/ESALQ nesta safra foi de R\$ 64,82/saca de 50 kg, 25,73% inferior à da temporada passada (2016/17), considerando o período de abril/16 a dezembro/16 (R\$ 87,28/saca de 50 kg), em termos reais – valores deflacionados pelo IGP-DI de novembro/17. O clima seco, que favorece a colheita da cana-de-açúcar, foi predominante na maior parte da temporada 2017/18. Isso acelerou a produção nas usinas e, conseqüentemente, aumentou a oferta de açúcar disponível para as vendas no mercado spot – impactando na redução dos preços. Logo após o início da colheita, em maio, precipitações restringiram as atividades, o que diminuiu a oferta do cristal de melhor qualidade (lumsa 150). A partir de outubro/17, as cotações voltaram a reagir, mas seguiram com as médias mensais abaixo das dos mesmos períodos de 2016.

Em relação aos **etanóis**, mesmo com a forte demanda pelos biocombustíveis, que, inclusive, resultou em alta nos preços nos últimos meses de 2017, as médias dos valores dos etanóis anidro e hidratado na parcial da safra

² Esta seção apresenta informações do relatório Agromensal, realizado mensalmente pelas equipes de pesquisa do Cepea-Esalq/USP e disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/categoria/agromensal.aspx>. Os dados apresentados referem-se ao contexto do mercado brasileiro, não se restringindo à conjuntura do estado de Minas Gerais.

2017/18 no estado de São Paulo ainda ficam abaixo das verificadas no mesmo período da temporada anterior. No acumulado parcial da safra 2017/18 (de abril/17 a dezembro/17), o Indicador CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo) do etanol hidratado teve média de R\$ 1,4825/litro, contra R\$ 1,6188/litro no mesmo período do ano safra 2016/17, valor 8,4% menor, em termos reais (os preços foram deflacionados pelo IGP-M de novembro/17). Para o etanol anidro, o Indicador CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo) registra média de R\$ 1,6419/litro neste ano safra, enquanto na temporada anterior estava em R\$ 1,7941/litro, também queda de 8,5%. Segundo pesquisadores do Cepea, no início da safra, usinas do estado de São Paulo, principalmente as descapitalizadas, precisaram acelerar as vendas de etanol, visando custear as elevadas despesas próprias daquele período, o que resultou em queda nos preços do biocombustível. Esse movimento foi revertido apenas a partir de agosto, quando a maior demanda voltou a elevar os preços dos etanóis no mercado paulista.

Com relação ao **algodão** em pluma, com o aumento da colheita da safra brasileira 2016/17, as exportações da pluma firmes em 2017 ajustaram a oferta e a demanda no mercado doméstico, especialmente no segundo semestre, amortecendo a retração nos preços médios. Além disso, a queda na relação estoque/consumo global impulsionou os valores internacionais ao longo do ano. Assim, antes mesmo do início da colheita no Brasil, vendedores firmaram vários contratos para entrega doméstica e também para exportação. No primeiro semestre de 2017, a cotação do algodão em pluma no Brasil recuou 3,2%, de acordo com dados do Cepea. Apesar da quebra na produção da safra 2015/16, indústrias trabalhavam com o estoque já adquirido, buscando lotes apenas para reposição de estoque. A expectativa era de que a maior colheita da safra 2016/17 pressionasse as cotações. Naquele período, o preço doméstico mais atrativo que o externo fazia com que cotonicultores e tradings se voltassem para vendas internas. Em junho, especificamente, os primeiros lotes da nova safra entraram no mercado, reforçando o movimento de baixa nos preços. Assim, na segunda metade do ano, a entrada mais efetiva da safra 2016/17 derrubou os valores internos da pluma, principalmente entre junho e outubro.

Para o **café**, 2017 foi marcado pelo forte e contínuo recuo nas cotações dos cafés arábica e robusta. Mesmo com menor produção na temporada 2017/18, devido à bialidade negativa, os valores do arábica foram pressionados pela queda externa, principalmente nos primeiros meses do ano. No segundo semestre, os estoques razoáveis nos países consumidores e a boa expectativa quanto à próxima temporada brasileira (2018/19) influenciaram as baixas nas cotações internas e externas do arábica. Quanto ao robusta, pesquisadores do Cepea destacam que a procura por parte de torrefadoras para composição de blends esteve aquecida, mas os preços caíram, em decorrência da maior produção interna da variedade e também das perspectivas de maiores ofertas nas temporadas 2018/19 brasileira e 2017/18 do Vietnã. Diante das fortes quedas nos preços, produtores tanto de arábica quanto de robusta se mantiveram mais retraídos ao longo do ano, diminuindo o ritmo de negócios. Além disso, grande parte dos países compradores de grãos brasileiros registrou estoques confortáveis em 2017, diminuindo as exportações nacionais do café, segundo indicam pesquisadores do Cepea.

Com relação ao **milho**, em 2017, a produção de milho foi recorde no Brasil e no mundo, cenário que pressionou com força as cotações domésticas, segundo pesquisas do Cepea, aumentando a competitividade do cereal nacional e elevando as exportações. Em termos mundiais, as transações internacionais não aumentaram com o crescimento da oferta, o que elevou os estoques e também pressionou os valores. Como as cotações do milho iniciaram o ano em patamares elevados, reflexo da redução da oferta em 2016, a entrada do cereal da primeira safra pressionou com força os valores domésticos. Na segunda safra, a quantidade 65% superior à da temporada anterior. Com a maior oferta e expressivas quedas nas cotações, o valor pago ao produtor ficou abaixo do mínimo governamental em algumas regiões. Nesse ambiente, o governo federal interveio, no intuito de sustentar o preço ao produtor e favorecer o escoamento da produção, principalmente do milho do Centro-Oeste. Entre abril e setembro, a Conab realizou 17 rodadas de leilões. No segundo semestre, produtores/vendedores insatisfeitos com as quedas nas cotações postergaram ao máximo a negociações do cereal, mesmo com a colheita recorde do milho segunda safra.

No caso da **soja**, a temporada de 2017 foi de maior área cultivada com soja no Brasil e nos Estados Unidos e de produtividade bem acima da média em ambos os países. Além disso, a safra foi volumosa na Argentina e a relação estoque/consumo final mundial, recorde. Neste cenário, segundo pesquisas do Cepea, os preços da oleaginosa caíram no Brasil em 2017, voltando aos menores patamares reais desde 2011. Enquanto a produção mundial cresceu 12% entre as temporadas 2015/16 e 2016/17, o consumo aumentou menos, 4,6%. Com os excedentes internos brasileiros recordes, houve forte necessidade de exportar. O lado favorável é que as transações mundiais seguiram em alta, puxadas especialmente pela China, o que impediu uma queda maior nas cotações.

Em relação ao **boi gordo**, o setor pecuário já esperava um ano de dificuldades, sobretudo relacionadas às vendas internas – que poderiam se enfraquecer diante do contexto político e econômico nacional – e à maior oferta de animais, resultado de investimentos em anos recentes. No entanto, agentes do mercado não imaginavam que desafios ainda maiores seriam enfrentados pela pecuária nacional em 2017. Os acontecimentos referentes à cadeia agroindustrial da carne bovina brasileira se somaram às dificuldades que já vinham sendo enfrentadas pelo setor, impactando diretamente sobre os valores da arroba e da carne. Com isso, os preços do boi gordo, da carne e também do bezerro caíram em boa parte do ano, com certa recuperação sendo verificada no último quadrimestre. Segundo pesquisadores do Cepea, esse fôlego no final do ano mostrou a capacidade de reorganização e de resposta da cadeia aos problemas enfrentados, o que pode indicar o desenvolvimento do setor. Em 2017, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo se manteve abaixo do de 2016 em praticamente todo o ano e inferior ao de 2015 em boa parte do período. A média do Indicador em 2017, de R\$ 138,80, foi 9,22% inferior à de todo o ano de 2016, em termos nominais – em termos reais (considerando-se a inflação do período), a queda ainda é mais intensa, de 10%. A maior média mensal do Indicador, em termos nominais, foi registrada em janeiro, de R\$ 148,39. Já a menor, de R\$ 124,50, foi verificada em julho, conforme dados do Cepea.

Com relação à **suinocultura**, pós um período de crise em 2016, o setor suinícola teve mais fôlego para pagar as contas no ano passado. Apesar dos aumentos expressivos nas tarifas de energia elétrica, os custos de produção estiveram em patamares bem mais baixos em 2017, principalmente em função dos preços do milho e do farelo de soja, que recuaram. O preço médio da saca de 60 kg de milho na região de Campinas (SP) foi de R\$ 29,94 entre janeiro/17 e 28 de dezembro/17, enquanto no mesmo período de 2016 havia sido de R\$ 44,05/sc, queda de 32%. Mesmo com a melhor condição para compra de insumos, as crises política e econômica do País em 2017 afetaram o poder de compra do brasileiro, que esteve retraído do consumo de carnes durante o ano, principalmente no primeiro semestre. Já na segunda metade do ano, a procura no mercado nacional começou a se aquecer e esteve bem ajustada à oferta de animais, carcaças e cortes nas principais regiões produtoras. Esse cenário acabou sustentando os preços ao longo do segundo semestre.

No mercado de **leite**, o ano de 2017 se iniciou com os preços do leite pagos ao produtor nos maiores patamares da série histórica do Cepea, iniciada em 2004, considerando-se os meses de janeiro. Isso é resultado do período de baixa oferta e de alto custo de produção verificados no ano anterior. Parte dos agentes de mercado já sabia que esta era uma situação excepcional e que sua manutenção era quase improvável. No entanto, a queda precoce dos preços já em junho, em plena entressafra da produção, surpreendeu muitos produtores. No balanço, 2017 foi um ano difícil para a pecuária leiteira e marcado pela forte volatilidade de preços, ainda que os custos de produção tenham se mantido praticamente estáveis. O desequilíbrio entre oferta e demanda se mostrou mais forte em 2017 e ressaltou as fragilidades da cadeia láctea. Nos primeiros meses de 2017, os valores elevados do leite no campo e os menores preços do milho e do farelo de soja motivaram produtores a investirem na atividade e a aumentarem a produção. De acordo com o Índice de Captação de Leite do Cepea (ICAP-L), que monitora a aquisição das indústrias mensalmente, a captação de leite subiu 9,38% na “média Brasil” (que considera os estados de BA, GO, MG, SP, PR, SC, RS) de janeiro a novembro, resultado puxado, principalmente, pelo Sul do Brasil. Na comparação da média de janeiro a novembro de 2017 com a do mesmo período de 2016, o incremento é de 7,76%. O aumento da oferta de matéria-prima no campo, porém, superou a demanda, que já vinha enfraquecida desde 2016. Por conta da recessão econômica, consumidores brasileiros foram às compras com mais cautela, diminuindo a aquisição de produtos que não são considerados essenciais – o caso da maioria dos produtos lácteos. A diferença entre o aumento na produção e a queda da demanda levou à desvalorização acentuada no ano.

CONCLUSÕES

O agronegócio mineiro fechou 2017 em baixa de 5,96%. Assim como ocorrido em âmbito nacional, em geral, a queda na renda do agronegócio mineiro está relacionada à redução de preços em várias atividades. Essa, por sua vez, foi motivada pela maior oferta no mercado, resultante da ocorrência de boas condições climáticas e investimentos nas lavouras. No caso de Minas Gerais, ainda se destaca o desempenho negativo de atividades importantes como o café (ano de bialidade negativa) e o leite (que apresentou grande redução de preço via maior oferta).

A participação estimada do agronegócio mineiro no PIB ficou em 13,50%, com queda na participação para o segmento primário, indústria e, conseqüentemente, serviços. Ressalta-se, no entanto, que esses valores passam por revisão a cada relatório, devido à atualização das estimativas, tanto no País quanto no estado de Minas Gerais.

No segmento primário da agricultura, no resultado anual, seguiu com destaque a elevação da cotação da mandioca, além das fortes baixas verificadas na batata-inglesa, milho, banana, entre outros produtos. Já no segmento primário do ramo pecuário, as atividades foram afetadas em 2017 por baixa demanda interna na ponta final da cadeia, e também se verificaram efeitos negativos da operação “carne fraca”. No entanto, destaca-se que houve ligeira recuperação de preços ao produtor nos últimos 4 meses de 2017, e o segmento pôde apresentar crescimento de produção em todas as atividades.

Com relação ao ambiente macroeconômico nacional, a taxa acumulada ao longo do ano do PIB Brasileiro, que apresenta a variação em volume em relação ao mesmo período do ano anterior, calculada pelo IBGE, apresentou evolução de 1%. Neste ano, foi destaque o crescimento de 13% no segmento agropecuário. Verifica-se que a economia brasileira apresenta sinais de leve recuperação, impulsionada pelo grande volume de produção agropecuária, com consolidação da super-safra de grãos. No entanto, apesar do alto volume de produção da agropecuária, este setor tem apresentado redução da renda, com queda avaliada no preço da maior parte dos produtos.

TABELAS DE DADOS

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2016 e 2017 (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/16	0,88	0,39	-2,34	-1,02	-0,74
jan/17	0,62	-0,01	-0,16	-0,06	-0,03
fev/17	0,00	-0,27	-0,73	-0,45	-0,43
mar/17	1,42	0,07	-0,80	-0,32	-0,20
abr/17	-0,68	-0,57	-0,23	-0,33	-0,41
mai/17	-0,73	-0,26	0,24	0,08	-0,05
jun/17	1,68	-0,95	-0,22	-0,51	-0,47
jul/17	-1,30	-0,71	-1,10	-0,86	-0,89
ago/17	-1,06	-1,51	-0,93	-1,12	-1,21
set/17	0,22	-0,90	-1,25	-1,04	-0,97
out/17	0,66	-0,58	-1,15	-0,83	-0,73
nov/17	-0,09	-0,51	-0,14	-0,26	-0,31
dez/17	-0,29	-0,57	-0,25	-0,36	-0,40
Acum. no ano (2016)	3,40	4,10	12,55	7,73	7,26
Acum. no ano (2017)	0,42	-6,58	-6,54	-5,91	-5,96

AGRICULTURA					
	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/16	0,76	1,15	-2,78	-1,78	-1,39
jan/17	0,39	-0,88	-0,26	-0,42	-0,43
fev/17	-0,39	-0,93	-0,92	-0,92	-0,90
mar/17	2,31	-0,77	-1,09	-1,01	-0,84
abr/17	-0,95	-1,25	-0,37	-0,60	-0,68
mai/17	-1,03	-1,57	0,07	-0,35	-0,50
jun/17	3,75	-2,27	-0,25	-0,77	-0,71
jul/17	-1,27	-1,50	-1,27	-1,33	-1,34
ago/17	-0,72	-3,18	-1,07	-1,60	-1,71
set/17	1,54	-1,97	-1,40	-1,54	-1,44
out/17	1,86	-1,98	-1,35	-1,50	-1,38
nov/17	0,66	-2,16	-0,23	-0,70	-0,77
dez/17	0,69	-1,70	-0,32	-0,66	-0,68
Acum. no ano (2016)	-2,46	29,52	15,21	18,64	18,52
Acum. no ano (2017)	6,90	-18,41	-8,16	-10,84	-10,83

PECUÁRIA					
	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/16	0,98	-0,02	0,10	0,02	0,07
jan/17	0,78	0,47	0,37	0,43	0,47
fev/17	0,29	0,09	0,33	0,17	0,15
mar/17	0,77	0,52	0,70	0,58	0,57
abr/17	-0,47	-0,21	0,50	0,03	-0,09
mai/17	-0,51	0,42	1,08	0,65	0,48
jun/17	0,16	-0,26	-0,07	-0,20	-0,19
jul/17	-1,32	-0,32	-0,19	-0,27	-0,37
ago/17	-1,31	-0,67	-0,21	-0,52	-0,63
set/17	-0,79	-0,38	-0,50	-0,42	-0,43
out/17	-0,27	0,09	-0,21	-0,01	0,00
nov/17	-0,68	0,27	0,29	0,27	0,20
dez/17	-1,08	-0,05	0,10	0,00	-0,09
Acum. no ano (2016)	8,22	-6,08	0,09	-4,10	-4,03
Acum. no ano (2017)	-4,38	-0,04	2,18	0,71	0,07

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2004 a 2017

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7,83	19,26	-2,58	8,06	9,87
2005	1,27	-12,50	6,03	-3,54	-4,98
2006	-2,59	14,55	21,27	16,56	15,49
2007	13,64	5,81	4,54	6,34	6,14
2008	32,75	13,81	1,41	7,42	10,08
2009	-9,14	-10,80	5,44	-3,09	-4,72
2010	-6,79	15,36	21,97	17,95	16,11
2011	19,00	18,27	2,47	9,10	11,36
2012	1,61	-9,93	-3,02	-6,45	-6,47
2013	-7,03	12,16	8,18	10,83	9,41
2014	1,56	10,63	2,14	6,80	6,82
2015	4,23	-3,32	5,66	1,22	0,61
2016	3,40	4,10	12,55	7,73	7,26
2017	0,42	-6,58	-6,54	-5,91	-5,96

AGRICULTURA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	9,77	14,76	-4,34	1,34	3,35
2005	-3,45	-4,20	6,35	2,80	1,52
2006	-6,51	-1,16	26,87	18,07	14,29
2007	22,39	-4,27	1,13	-0,29	0,48
2008	38,66	22,60	-0,04	5,67	9,36
2009	-16,37	-16,37	8,14	0,97	-2,27
2010	-11,86	27,36	25,08	25,63	23,24
2011	19,13	19,68	2,92	7,04	8,83
2012	2,90	2,06	-2,67	-1,37	-0,78
2013	-9,05	-10,18	6,19	1,54	-0,30

2014	3,36	-3,76	0,01	-0,94	-1,00
2015	6,55	3,56	6,18	5,54	5,41
2016	-2,46	29,52	15,21	18,64	18,52
2017	6,90	-18,41	-8,16	-10,84	-10,83

PECUÁRIA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	6,04	21,84	5,39	16,19	17,41
2005	5,76	-16,99	4,73	-10,22	-11,59
2006	0,82	24,33	-2,07	14,74	16,89
2007	6,59	10,80	22,98	14,58	12,60
2008	27,27	10,04	7,84	9,31	10,82
2009	-1,86	-8,15	-5,66	-7,33	-7,19
2010	-2,43	10,15	7,31	9,20	8,56
2011	18,89	17,56	0,00	11,79	14,41
2012	0,61	-16,06	-5,05	-12,82	-12,97
2013	-5,43	26,04	19,74	24,03	22,08
2014	0,18	17,00	13,14	15,81	15,15
2015	2,40	-5,83	3,32	-3,07	-3,78
2016	8,22	-6,08	0,09	-4,10	-4,03
2017	-4,38	-0,04	2,18	0,71	0,07

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2004 a 2017 (R\$ milhões de 2017)

AGRONEGÓCIO

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7.518	46.362	23.145	32.757	109.782
2005	7.614	40.565	24.541	31.598	104.318
2006	7.417	46.465	29.763	36.832	120.476
2007	8.428	49.163	31.114	39.167	127.872
2008	11.188	55.950	31.552	42.072	140.762
2009	10.165	49.905	33.270	40.772	134.112
2010	9.475	57.572	40.581	48.092	155.719
2011	11.275	68.089	41.585	52.467	173.416
2012	11.457	61.327	40.328	49.083	162.196
2013	10.652	68.783	43.628	54.400	177.462
2014	10.817	76.092	44.562	58.101	189.572
2015	11.275	73.563	47.086	58.811	190.736
2016	11.659	76.580	52.996	63.354	204.590
2017	11.708	71.543	49.530	59.613	192.394

AGRICULTURA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.667	16.259	18.616	16.817	55.358
2005	3.540	15.576	19.798	17.287	56.201
2006	3.310	15.396	25.117	20.412	64.235
2007	4.050	14.739	25.401	20.353	64.544
2008	5.616	18.070	25.391	21.507	70.584
2009	4.697	15.112	27.457	21.715	68.981
2010	4.140	19.248	34.343	27.281	85.012
2011	4.932	23.036	35.348	29.202	92.518
2012	5.075	23.510	34.405	28.802	91.792

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a Dezembro/17 elaborada com dados disponíveis até Março/18.

2013	4.616	21.117	36.536	29.246	91.514
2014	4.771	20.323	36.538	28.970	90.602
2015	5.083	21.047	38.796	30.575	95.502
2016	4.958	27.259	44.698	36.275	113.191
2017	5.301	22.240	41.052	32.342	100.935

PECUÁRIA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.852	30.102	4.529	15.941	54.424
2005	4.073	24.988	4.744	14.311	48.116
2006	4.107	31.069	4.645	16.420	56.241
2007	4.378	34.424	5.713	18.814	63.328
2008	5.572	37.880	6.161	20.565	70.178
2009	5.468	34.793	5.813	19.058	65.131
2010	5.335	38.324	6.237	20.811	70.708
2011	6.343	45.053	6.238	23.265	80.899
2012	6.382	37.817	5.923	20.281	70.403
2013	6.036	47.666	7.092	25.154	85.948
2014	6.047	55.769	8.024	29.130	98.970
2015	6.191	52.517	8.290	28.236	95.234
2016	6.700	49.322	8.298	27.079	91.398
2017	6.407	49.303	8.479	27.270	91.459

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	10,02	13,56	6,56	8,93	9,66
2005	11,31	13,15	6,95	8,91	9,63
2006	11,37	15,39	8,19	10,29	11,07
2007	11,38	14,51	8,21	10,24	10,89
2008	12,60	14,40	8,11	10,45	11,09
2009	13,16	13,90	8,90	10,58	11,22
2010	12,22	14,46	10,18	11,69	12,11
2011	12,89	15,29	10,57	12,30	12,82
2012	12,90	14,17	10,67	11,86	12,35
2013	11,92	14,60	11,17	12,64	12,85
2014	11,98	15,49	11,47	13,37	13,50
2015	12,03	14,60	12,03	13,40	13,36
2016	12,39	14,28	13,17	13,82	13,72
2017	13,19	13,81	12,87	13,69	13,50

AGRICULTURA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7,51	8,00	6,20	6,56	6,85

2005	8,51	9,07	6,56	7,01	7,38
2006	8,10	8,99	7,99	7,99	8,22
2007	8,63	7,67	7,79	7,55	7,73
2008	9,58	8,04	7,61	7,68	7,87
2009	9,62	7,41	8,47	7,97	8,12
2010	8,51	8,41	9,89	9,35	9,27
2011	9,17	8,86	10,36	9,70	9,68
2012	9,29	9,06	10,43	9,69	9,75
2013	8,54	7,93	10,77	9,73	9,53
2014	8,95	7,61	10,88	9,76	9,51
2015	9,08	7,61	11,42	10,17	9,82
2016	9,16	8,95	12,74	11,36	11,00
2017	10,25	7,65	12,31	10,84	10,38

PECUÁRIA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	14,71	21,69	8,61	14,44	16,59
2005	15,85	18,27	9,21	13,28	14,95
2006	16,84	23,78	9,47	16,02	18,34
2007	16,14	23,51	10,80	16,65	18,66
2008	18,45	23,14	11,11	16,77	18,87
2009	19,27	22,47	11,71	16,86	18,83
2010	18,45	22,65	12,11	17,44	19,17
2011	18,83	24,32	11,97	18,57	20,41
2012	18,65	21,84	12,29	17,40	18,92
2013	17,11	23,27	13,80	19,37	20,40
2014	16,35	24,90	15,25	21,13	21,92
2015	16,43	23,11	16,06	20,42	20,94
2016	16,75	21,28	16,09	19,45	19,76
2017	17,40	21,56	16,84	19,95	20,20

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

* A metodologia do PIB do Brasil passou por uma atualização em 2017. Atualmente a participação do PIB do Agronegócio de Minas Gerais sobre o PIB do Brasil tem sido calculada com base na variação do PIB do Brasil na nova metodologia. Em breve, quando o PIB do Agronegócio de Minas Gerais passar por reformulação metodológica semelhante, a participação deverá ser igualmente revista.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais

Agricultura	SEGMENTO PRIMÁRIO												
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Café	38,96	40,79	47,06	35,01	38,07	34,05	40,95	46,18	40,25	31,14	37,80	36,14	37,71
Cana-de-açúcar	5,74	6,33	10,68	11,70	8,91	12,58	14,42	13,13	12,92	14,63	14,34	14,09	12,25
Soja	14,20	10,80	8,32	10,87	11,19	12,71	9,36	8,83	11,36	12,68	12,95	12,97	13,36
Milho	13,32	13,04	10,18	16,19	14,04	11,47	9,02	10,87	11,80	11,18	10,43	10,15	9,96
Tomate	5,35	4,43	2,60	2,77	2,72	3,07	2,02	2,16	3,06	4,69	3,97	4,07	2,44
Feijão	4,49	6,41	4,57	6,16	9,79	5,52	6,12	3,91	6,51	6,04	3,84	4,70	5,98
Batata-inglesa	4,77	5,99	4,56	5,55	4,13	6,91	5,24	2,53	3,03	6,50	3,56	5,15	4,51

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a Dezembro/17 elaborada com dados disponíveis até Março/18.

Banana	2,52	2,49	3,29	2,92	2,70	3,21	3,24	2,66	2,43	3,62	3,52	3,56	3,82
Algodão	1,35	1,21	0,79	0,75	0,53	1,02	1,31	2,70	1,45	1,24	1,25	1,16	0,96
Laranja	1,04	1,22	1,20	0,64	1,20	1,79	1,79	1,25	0,80	0,56	0,91	0,99	1,12
Mandioca	1,65	0,74	0,60	0,83	0,71	0,63	0,79	0,71	0,59	0,97	0,75	0,38	0,74
Cebola	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	1,14
Alho	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	0,92
Arroz	1,25	0,87	0,65	0,74	0,54	0,47	0,33	0,15	0,15	0,11	0,11	0,07	0,00
Trigo	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	0,50
Sorgo	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	0,47
Amendoim	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	(n/a)	0,07
Carvão vegetal	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
Outros Produtos	5,35	5,66	5,48	5,84	5,47	6,58	5,41	4,90	5,62	6,63	6,54	6,57	4,05
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO PRIMÁRIO

Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Boi vivo	37,64	35,18	41,4	36,91	36,88	37,16	37,9	38,63	36,55	35,7	36,58	36,46	32,58
Vaca viva	21,68	13	21,32	18,53	18,65	17,56	16,81	21,42	15,33	16,46	19,01	19,15	14,74
Frango vivo	8,86	10,09	7,42	8,13	8,33	8,82	8,23	7,6	9,56	9,18	6,9	7,81	8,86
Leite natural	23,25	31,3	22,63	28,21	26,65	27,85	28,1	24,25	28,81	29,89	29,52	28,78	35,07
Ovos	3,16	3,68	2,83	3,68	3,57	3,33	2,9	2,67	3,32	2,74	2,33	2,39	3,05
Suíno vivo	5,41	6,76	4,4	4,55	5,92	5,29	6,05	5,43	6,43	6,03	5,66	5,41	5,70
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INSUMOS

Insumos para a Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Combustíveis e Lubrificantes	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72	9,05	9,73	11,7	12,72	12,54	10,73
Adbos, Fert. e Cor. Solo	24,03	20,89	18,88	22,85	25,9	21,58	19,14	20,22	20,55	19,1	19,52	20,51	18,63
Alimentos para animais	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14	70,73	69,72	69,2	67,76	66,95	70,63
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INSUMOS

Insumos para a Agricultura	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Combustíveis e Lubrif.	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82	11,23	11,81	14,77	15,56	14,74	14,01
Adbos, Fert. e Cor. Solo	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18	88,77	88,19	85,23	84,44	85,26	85,99
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INDUSTRIAL

Indústria da Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Carne de boi	10,52	10,36	12,12	11,22	13,68	13,26	13,32	12,22	14,24	14,22	14,81	14,05	13,24
Carne de vaca	4,8	4,64	5,6	5,45	7,42	6,04	5,45	4,77	5,84	6,19	7,25	7,06	5,97

Carne suína	8,19	8,3	6,97	6,31	8,44	8,07	8,81	9,12	9,37	9,37	9,35	8,2	8,53
Carne de aves	12,47	13,17	12,66	11,6	12,91	13,69	12,93	14,11	15,36	15,23	12,23	12,46	13,65
Leite em pó	14,73	15,35	14,49	16,48	12,63	11,97	12,22	11,16	11,11	11,93	13,38	14,06	13,33
Leite UHT	18,76	17,52	18,15	18,43	15,72	17,02	16,69	20,14	23,67	23,36	21,43	22,95	24,18
Queijo	13,74	13,11	12,93	13,62	12,42	12,67	13,77	12,44	6,15	5,49	6,61	6,37	5,65
Leite pasteurizado	16,78	17,55	17,09	16,88	16,77	17,27	16,81	16,05	14,26	14,22	14,94	14,86	15,45
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INDUSTRIAL

Indústria Agrícola	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Celulose, papel e produtos de papel	21,45	20,81	16,16	19,04	17,67	13,31	12,62	11,22	11,5	11,8	11,6	13,46	10,80
Álcool Anidro	11,69	14,4	19,77	14,25	13,81	10,94	12,18	18,43	17,56	23,27	23,1	19,21	20,15
Álcool Hidratado	11,09	15,72	18,22	24,86	27,91	29,43	29,44	23,55	18,05	21,32	23,38	27,44	20,68
Têxtil	9,76	9,37	7,43	6,92	5,84	4,84	4,13	3,66	3,53	3,59	3,3	2,24	1,92
Indústria do café	13,98	12,17	9,95	11,54	11,14	10,42	8,38	8,85	10,41	10,22	10,37	9,82	9,05
Indústria do fumo	0,87	0,83	0,69	0,68	0,64	0,62	0,49	0,48	0,49	0,44	0,42	0,48	0,38
Indústria do açúcar	13,9	15,59	19,16	12,14	11,73	21,97	25,44	24,71	28,41	21,5	20,62	19,95	31,27
Óleos soja refinado	12	6,61	4,93	6,68	7,69	4,95	4,29	6,25	7,2	5,29	4,71	5,04	3,51
Indústria de bebidas	5,25	4,5	3,7	3,9	3,57	3,51	3,03	2,86	2,83	2,56	2,5	2,36	2,23
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de dezembro de 2017 (%)

	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio
Pecuária	-1,08	-0,05	0,10	0,00	-0,09
Agricultura	0,69	-1,70	-0,32	-0,66	-0,68
Agronegócio total	-0,29	-0,57	-0,25	-0,36	-0,40

Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas em 2017 (%)

	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio
Pecuária	-4,38	-0,04	2,18	0,71	0,07
Agricultura	6,90	-18,41	-8,16	-10,84	-10,83
Agronegócio total	0,42	-6,58	-6,54	-5,91	-5,96

Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (% a.a.) – 2017/16

	Combustíveis e Lubrificantes	Adubos, Fertilizantes e Cor. Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	-3,40	14,06	-2,10
Preços reais	3,24	-5,19	-7,03
Valor	-0,27	8,14	-8,98

Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (% a.a.) – 2017/16

	Café	Milho	Soja	Cana-de-açúcar	Feijão	Batata – inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate
Quantidade	-17,91	28,76	6,32	1,51	6,06	0,24	-3,70	-0,40	-3,71
Preços reais	-6,79	-35,02	-11,57	2,07	-49,24	-64,46	4,01	47,24	-15,80
Valor	-23,48	-16,34	-5,98	3,62	-46,17	-64,38	0,16	46,65	-18,93

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a Dezembro/17 elaborada com dados disponíveis até Março/18.

	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz	Cebola	Alho	Trigo	Sorgo	Amendoim
Quantidade	-6,41	9,56	-9,81	0,12	13,00	8,05	3,42	88,63	23,68
Preços reais	2,36	-27,44	0,57	-12,39	-26,88	-23,06	-17,95	-26,12	-17,26
Valor	-4,21	-20,51	-9,30	-12,29	-17,37	-16,86	-15,14	39,36	2,34

Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (% a.a.) – 2017/16

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	13,69	11,14	1,01	1,94	4,80	2,41
Preços reais	-6,88	-6,32	-14,40	-7,08	4,69	3,91
Valor	5,87	4,12	-13,53	-5,28	9,71	6,41

Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2017/16

	Celulose	Álcool Anidro	Álcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	0,10	-5,21	6,81	13,80	2,90	2,50	6,66	-40,01	4,00
Preços reais	1,37	-9,63	-10,40	2,75	13,64	-3,78	-20,12	-11,12	3,34
Valor	1,47	-14,34	-4,29	16,93	16,94	-1,38	-14,80	-46,68	7,48

Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (% a.a.) – 2017/16

	Carne de boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo	Leite pasteurizado
Quantidade	13,69	11,14	2,41	1,01	3,17	-0,35	54,60	6,64
Preços reais	-2,04	-4,03	7,06	-4,22	0,44	-16,20	-5,75	-0,26
Valor	11,37	6,66	9,63	-3,25	3,62	-16,49	45,71	6,37

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2004 a 2017(R\$ preços correntes)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.632	22.397	11.181	15.825	53.034
2005	3.897	20.765	12.563	16.175	53.401
2006	3.862	24.196	15.498	19.180	62.736
2007	4.612	26.902	17.026	21.432	69.971
2008	6.810	34.054	19.204	25.607	85.675
2009	6.298	30.919	20.613	25.261	83.091
2010	6.198	37.659	26.545	31.458	101.859
2011	8.004	48.334	29.520	37.244	123.101
2012	8.619	46.136	30.339	36.925	122.019
2013	8.500	54.892	34.818	43.414	141.624
2014	9.096	63.981	37.470	48.853	159.400
2015	10.135	66.123	42.324	52.863	171.445
2016	11.547	75.850	52.491	62.750	202.638
2017	11.708	71.543	49.530	59.613	192.394
AGRICULTURA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	1.771	7.855	8.993	8.124	26.743
2005	1.812	7.974	10.135	8.849	28.770
2006	1.723	8.017	13.079	10.629	33.449

2007	2.216	8.065	13.900	11.137	35.318
2008	3.418	10.998	15.454	13.090	42.961
2009	2.910	9.363	17.011	13.454	42.738
2010	2.708	12.590	22.465	17.845	55.608
2011	3.501	16.353	25.092	20.729	65.675
2012	3.818	17.687	25.883	21.668	69.055
2013	3.684	16.852	29.158	23.340	73.033
2014	4.012	17.088	30.723	24.359	76.182
2015	4.569	18.918	34.872	27.483	85.843
2016	4.911	26.999	44.272	35.929	112.112
2017	5.301	22.240	41.052	32.342	100.935

PECUÁRIA

	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	1.861	14.542	2.188	7.701	26.292
2005	2.085	12.792	2.428	7.326	24.631
2006	2.139	16.179	2.419	8.551	29.287
2007	2.395	18.837	3.126	10.295	34.653
2008	3.391	23.056	3.750	12.517	42.714
2009	3.388	21.556	3.601	11.807	40.353
2010	3.490	25.068	4.080	13.613	46.251
2011	4.503	31.981	4.428	16.515	57.427
2012	4.802	28.450	4.456	15.257	52.964
2013	4.817	38.040	5.660	20.074	68.591
2014	5.084	46.893	6.747	24.494	83.218
2015	5.565	47.205	7.452	25.380	85.602
2016	6.636	48.851	8.219	26.821	90.527
2017	6.407	49.303	8.479	27.270	91.459

Fonte: Cepea-USP/Seapa /Faemg/Senar.